

Brasília vive uma semana com muitas greves

A luta pela reposição da perda salarial, consequência do Plano Cruzado, é o objetivo comum que levará à deflagração de várias greves, esta semana, em Brasília. Com o apoio das centrais sindicais, CUT e CGT, nestes dois meses, cruzam os braços, por reajustes salariais, os servidores públicos federais, profissionais de saúde e de ensino, além dos bancários.

Os bancários iniciarão a greve a partir da próxima terça-feira, por um reajuste de 100%. No Sindicato da categoria, em Brasília, já se encontram prontos os adesivos, cartazes, faixas e outros materiais. Segundo o diretor da entidade, Joaquim Ascendino Dumont, os bancários estão mobilizados e "ao contrário dos anos anteriores, eles não só querem a greve como também estão participando". A estimativa do Sindicato é de que haverá uma adesão total de caixas e escriturários à greve, tanto dos bancos oficiais como dos particulares.

Cirurgias

No setor de saúde, a greve foi iniciada pelos médicos residentes há um mês. Suas reivindicações voltam-se, basicamente, para condições de trabalho. Segundo o médico residente, Agnelo Queiroz, os hospitais de Brasília se encontram em verdadeiro caos, não proporcionando um treinamento adequado para a formação do profissional. Portanto, eles exigem o retorno das cirurgias eletivas que estão paralisadas em diversos hospitais, desde outubro do ano passado. Os residentes já receberam algumas contra-propostas, mas só voltarão ao trabalho quando estiverem garantidas oficialmente. Poderão continuar em greve, porém, se neste final de semana o Comando Nacional — reunido em Belo Horizonte — decidir pela paralisação por melhores salários.

O Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos e Serviços de Saúde, o Sindicatão, já advertiu o governo com uma paralisação no dia 18. Segundo sua presidente, Sônia Helena Republicano, a categoria mostrou que os profissionais de nível médio são capazes de parar toda Fundação Hospitalar. Pedindo uma reposição salarial de 130%, 30 horas semanais, produtividade, insalubridade, auxílio alimentação e transportes, os servidores deram um prazo até o dia 24 para que as reivindicações fossem atendidas pelo governo. A categoria se encontra mobilizada por entrar em greve, a partir de terça-feira — por tempo indeterminado — caso a FHDF não apresente uma contraproposta satisfatória.

Reivindicação Unificada

O movimento do Sindicatão está sendo engrossado por outros profissionais com data-base em setembro, como os enfermeiros, psicólogos, farmacêuticos, fisioterapeutas, nutricionistas, assistentes sociais, odontólogos, rodoviários, arquitetos, telefonistas e outros. Eles elaboraram uma pauta de reivindicações unificada, pedindo aumento real de salários, mudança da data base para 1º de maio, entre outros. Essas categorias já estão realizando assembleias gerais onde as decisões serão levadas a uma assembleia unificada, juntamente com o Sindicatão.

A greve geral cogitada pelos médicos da FHDF foi suspensa devido as negociações com a Secretaria de saúde, mas a categoria não deixará passar em branco o "Dia Nacional de Luta". Todos os profissionais de Brasília deverão paralisar as suas atividades no dia 25 próximo, quando pretendem denunciar as péssimas condições de trabalho da categoria. Isto porque o governo atendeu a questão salarial dos médicos, mas ignorou os problemas profissionais e as condições de trabalho. A atitude pode agravar a relação com os patrões, devido ao alto grau de insatisfação da categoria.

Valorização das Escolas

Os professores da Rede Oficial de Ensino de Brasília já se encontram em estado de greve desde o dia 14 último. Eles estão reivindicando a valorização das escolas públicas, aumento salarial de acordo com os índices de inflação calculado pelo DIEESE, pagamento das perdas salariais ocasionadas pelo Plano Cruzado e implantação integral do Plano de Carreira, entre outros. Depois de seis rodadas de negociação, não se avançou em nenhuma proposta significativa para a categoria, conforme afirmou a presidente do Sindicato dos Professores, Lúcia Carvalho.

No dia 9 de abril, os professores vão fazer uma paralisação como forma de luta pela valorização das escolas. No dia 28, será realizada uma assembleia decisiva sobre os rumos do movimento da categoria. "Se o governo não nos apresentar uma proposta que contemple as nossas reivindicações entraremos em greve por tempo indeterminado", disse Lúcia. Na sua opinião, desta vez os professores não vão à greve isolados, "mas com o apoio dos alunos, pais e a população em geral", concluiu.

Os servidores públicos federais também estão mobilizados. Na quarta-feira, permanecem um dia paralisados, promovendo manifestação na rampa do Congresso, às 9 horas. O movimento, segundo Luiz Bicalho, do Comando Regional dos Servidores Públicos Federais, é para fazer uma advertência ao governo que não está dando a devida atenção às suas reivindicações. Desde dezembro que o governo deve uma resposta ao funcionalismo sobre uma pauta de reivindicações entregues ao Palácio do Planalto e Ministério da Fazenda, Administração e Trabalho. eles querem reposição salarial de 35%, piso salarial de Cz\$ 5.760,00 e direito de sindicalização e greve.

Os movimentos paredistas estão com o respaldo das centrais sindicais, que tentam implantar um padrão de luta unificada. Segundo o presidente da CUT, Francisco Domingos dos Santos (Chico Vigilante) esta Central vai aglutinar forças no sentido de formar greves por setores comuns como saúde, educação e outros. Para o membro da Comissão Provisória da CGT, em Brasília, Agnelo Queiroz, a luta pela unificação do movimento sindical é a única forma do trabalhador se tornar vitorioso nas suas conquistas.